

Provided for non-commercial research and education use.

Not for reproduction, distribution or commercial use.

This Chapter appeared in:

Pinto, Ana Paula, Maria José Lopes, António Melo, João Carlos Onofre Pinto, and Álvaro Balsas, eds. *Verba volant? Oralidade, escrita e memória*. Humanidades 3. Braga: Axioma - Publicações da Faculdade de Filosofia, 2018. ISBN: 978-972-697-298-3 (Ebook).

Your article is protected by copyright © and all rights are held exclusively by *Aletheia – Associação Científica e Cultural*. This e-offprint is furnished for personal use only (for non-commercial research and education use) and shall not be self-archived in electronic repositories. Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

If you wish to self-archive your article, contact us to require the written permission of the *Aletheia Association*. For the use of any article or a part of it, the norms stipulated by the copyright law in vigour are applicable.

Authors requiring further information regarding *Aletheia – Associação Científica e Cultural* archiving and manuscript policies are encouraged to contact us.



*Per memoriam sui, per laudes ac memoriam
uirtutum eius: recordação e louvor de Germânico
nos Annales de Tácito*

Maria Cristina Pimentel

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
mpimentel1@campus.ul.pt

Abstract

This paper analyzes the narrative structures and the rhetorical processes used, in Tacitus' Annals, to develop two aspects of Germanicus' *laudatio*: the memory of who he used to be and the praise of what he did. Building on Germanicus' own words to his wife Agrippina on his deathbed (*Ann.* 2.72) and on his friends' wish to revenge his death, Tacitus creates the memory of a unique character and weaves the tragic destiny of the people that had surrounded him. At the same time, the chapters that recall the last moments of Germanicus and his final will, entrusted to his wife, are a guide to the interpretation of the first six chapters of Book 3, with its discontinuities and progressions, drawing a picture full of pathos and dark tragedy.

Keywords: Tacitus' Annals, tragic history, Germanicus, Agrippina, Tiberius.

10 de Outubro do ano 19. Antioquia. Um homem está no seu leito de morte, um homem jovem que conheceu as maiores glórias e o máximo favor, mas que o destino derrubou, servindo-se de sinistros agentes movidos pelo ódio, a rivalidade, o ressentimento. Tem ao lado a mulher, os amigos mais próximos. A estes pede que não deixem de vingar a sua morte, liga-os por um juramento, invocando o que há muito sabia, que morre de *praematurus exitus*, vítima de um crime. À mulher,

que tão bem conhece, que tanto amou e ama, com quem viveu os bons e os maus momentos de catorze anos de união, pede o impossível: que ela aceite a *fortuna* adversa, que aprenda a conter o seu gênio, o seu espírito indomável, e não ponha em risco a sua segurança e a dos filhos que têm. Por fim confidencia-lhe, em palavras que só a ela dirige, que crê morrer vítima daquele a quem mais serviu e honrou, seu pai adotivo e senhor de Roma, Tibério.

O homem cuja vida se extingue no meio de luto quase unânime é, evidentemente, Germânico, o grande general em quem tantos puseram a esperança de que, à frente de Roma e do império, pudesse vir a estar um *princeps* exemplar e amado por todos.

O episódio da morte de Germânico constitui um dos trechos mais lidos, mais discutidos e – não será arriscado dizê-lo – mais apreciados dos *Annales* de Tácito. Contado em traços breves, parece simples. Mas não é, porque em Tácito nada é linear, já que cada episódio faz parte de uma sublime construção narrativa que só se avalia plenamente quando cada peça é vista no lugar que ocupa e na sua relação com o todo. É, pois, nosso objectivo ver de que modo os capítulos 71 e 72 do Livro 2 funcionam como um ponto de convergência e de irradiação dos grandes temas dos *Annales*, base da construção de personagens fulcrais da história de Roma dos tempos tiberianos, desenlace de uma tragédia há muito pressentida como inevitável, anúncio ela própria de outras tragédias a que os livros seguintes nos farão assistir. Nessa sequência, a personagem que assume protagonismo é Agripina, viúva de Germânico, filha de Júlia e Agripa e, portanto, neta de Augusto.¹ É ela que cumpre o

1. Seria impossível registar todos os títulos que se têm ocupado de Germânico e Agripina. Constan assim, na bibliografia, apenas alguns estudos que mais directamente contribuíram para a nossa interpretação.

sagrado preceito da *pietas erga parentem*² e vai, num primeiro momento, prestar honras fúnebres ao marido e trazer-lhe as cinzas de volta à pátria, para depois conservar a sua memória de um modo que contraria, afinal, o que Germânico lhe pedira no leito de morte.³ Agripina *Maior* não vai dominar a sua *ferociam*, não vai aceitar a sorte contrária (*summitteret animum*), não vai conformar-se com a desgraça que progressivamente há-de abater-se sobre a sua família, quando regressar a Roma (*neu regressa in Urbem*), não vai evitar ser o centro de uma facção opositora do imperador (*aemulatione potentiae*) e, portanto, ao provocar Tibério e os poderosos, entre eles Sejano (*ualidiores irritaret*), sem bem medir as suas forças, vai percorrer, ela, os filhos, os amigos próximos, a longa via-sacra que para ela só terminará, na ilha para onde foi banida, com a sua morte, no ano 33, talvez por suicídio mas, mais provavelmente, por lhe terem sido retirados os alimentos (6.25).

A sequência de actos da tragédia de Agripina começa, assim, imediatamente após o desenlace da vida por Germânico. Vejamos, partindo destes capítulos, de que forma Tácito estabelece elos narrativos que se projectam no futuro e explicam o curso dos acontecimentos. Deixemos de lado o seguimento das juras de vingança que os amigos de Germânico fizeram: embora essa *ultio* tenha sido tudo menos completa, ainda assim o governador da Síria que Tibério enviara para abater o favor e o que ele julgava poder excessivo de Germânico, Calpúrnio Pisão, e Plancina, sua mulher, foram formalmente acusados perante o senado, enquanto responsáveis pela sua morte. Pisão, percebendo que Tibério o

2. Cf. *Ann.* 1.9.3; 1.10.1. Segundo Santoro L’Hoir (2006: 63), “one of Tacitus’ major themes”.

3. 2.72: Tum, ad uxorem uersus, per memoriam sui, per communes liberos orauit exueret ferociam, saeuienti fortunae summitteret animum, neu regressa in Urbem aemulatione potentiae ualidiores irritaret. Haec palam et alia secreto per quae ostendisse credebatur metum ex Tiberio.

abandonara ao seu destino, na *renuntiatio amicitiae* que de imediato o condenava, suicidou-se (3.15); Plancina serviu-se da amizade com Livia para sair, na ocasião, incólume (3.17).

Acompanhemos, em vez disso, os funerais de Germânico, o luto de todos e o de Agripina em particular, a lenta e dolorosa viagem das suas cinzas, de Antioquia até ao mausoléu de Augusto, em Roma. O seu *funus* foi *sine imaginibus et pompa*,⁴ mas nem por isso foi menor a consternação de todos, nem a *laudatio* das suas virtudes passou em silêncio (*per laudes ac memoriam uirtutum eius*), a avaliar pela que Tácito atribui àqueles que aproximavam a figura e o destino de Germânico do de Alexandre, num paralelo em que ambos se assemelhavam na beleza e na estirpe, na idade e na forma da morte, mas em que Germânico vencia pela nobreza do carácter e a rectidão do comportamento. O corpo foi exposto, nu, no *forum* de Antioquia, sem que, por rigor histórico e ainda que o tenha vindo a insinuar aos seus leitores, Tácito possa assegurar que fossem visíveis marcas de um possível envenenamento; por fim, foi cremado.

O foco narrativo centra-se então na figura de Agripina, para a mostrar no momento em que embarca, com as cinzas do marido e os filhos, em direcção a Roma.⁵ O quadro é patético e o autor sabe que os seus leitores não deixarão de juntar-se a todos quantos sentiam

4. 2.73: *Funus sine imaginibus et pompa per laudes ac memoriam uirtutum eius celebre fuit. Et erant qui formam, aetatem, genus mortis, ob propinquitatem etiam locorum in quibus interiit, magni Alexandri fatis adaequarent. [...] Corpus, antequam cremaretur, nudatum in foro Antiochensium, qui locus sepulturae destinabatur, praetuleritne ueneficii signa parum constitit.*

5. 2.75: *At Agrippina, quamquam defessa luctu et corpore aegro, omnium tamen quae ultionem morarentur intolerans, ascendit classem cum cineribus Germanici et liberis, miserantibus cunctis quod femina, nobilitate princeps, pulcherrimo modo matrimonio, inter uenerantis gratantesque aspici solita, tunc ferales reliquias sinu ferret, incerta ultionis, anxia sui et infelici fecunditate fortunae totiens obnoxia.*

misericordia por ela. Vemo-la *defessa luctu et corpore aegro*, abatida e doente, alma e corpo tomados pelo luto, mas ainda assim suportando com dificuldade a dilação que aquela viagem impunha à vingança: o leitor tem na memória os *nouissima uerba* de Germânico que pediam à mulher moderação e cautela, mas vê agora que, no espírito de Agripina, além da dor só cabe o desejo de *vindicta* (não é decerto accidental o poliptoto *ultionem / ultionis*). Além disso, o leitor tem ainda presente o modo como Tácito caracterizou Agripina em passos anteriores. Basta lembrar que, na primeira vez em que fala dela, atribui ao seu *indomitus animus* (1.33.3) o facto de dificilmente ela ser capaz de não responder às provocações de Lívia. Por isso, é fácil prever o que Agripina fará, logo que chegue a Roma: a *ferocia* que o marido lhe reconhecia, se aqui não é retomada como traço distintivo do seu carácter, dado o peso devastador do desgosto recente, será recorrentemente evocada pela sequência das apreciações que Tácito faz do seu comportamento e modo de ser, ainda que tais juízos de valor sejam matizados por estarem amiúde colocados na boca de adversários de Agripina, como Tibério e Sejano. Assim se lhe há-de atribuir uma notável *contumacia* (4.12.3; cf. 5.3.2: *contumacem animum*), dizê-la *peruicax irae* (4.53.1) e referir que se manterá *semper atrox* (4.52.2), antecipando traços de *ferocia* e *atrocitas* que superlativamente se reproduzirão no retrato da filha, Agripina *Minor*, mãe de Nero.⁶

Agripina *Maior* entra no navio *cum cineribus Germanici et liberis*: sublime complemento de companhia que junta a morte e a vida, a memória do passado e a angustiada visão do futuro de Agripina. Por um desses jogos narrativos que simulam ecos, espelhos, processos analépticos em que o historiador é mestre, a imagem que Tácito põe diante dos nossos olhos evoca porém, inevitavelmente, outra imagem,

6. Cf. 12.22.1; 13.2.2; 13.13.3; 13.21.2.

de dramáticos contornos mercê da *amplificatio*: a de Agripina, grávida e com o filho pequeno, Calígula, ao colo, obrigada a abandonar o acampamento onde estava com o marido, em face da ameaça e do risco que corriam perante o recrudescer da insurreição das Germânicas e a iminência de motins entre as legiões.⁷ Já nessa situação crítica a altivez de Agripina – mas também, sem dúvida, o seu amor ao marido – se manifestara, pois ela resistiu quanto pôde à urgência de partir, invocando que uma neta de Augusto jamais virava as costas ao perigo. Aí, em gesto de recorte vergiliano, é Germânico quem chora, num dos momentos que todos os que nele vêem a figura de um não tão perfeito herói interpretam como marca de fraqueza de carácter. É Germânico quem se abraça ao ventre grávido da mulher e ao filho pequeno, mandando-os recolher-se a Tréviros. Agripina deixa o acampamento, com as outras mulheres, *muliebre et miserabile agmen*, no meio dos lamentos e da aflicção de todos, ao verem-na sem escolta nem protecção, sem nada que distinga a alta estirpe de quem é esposa, filha, neta, nora de tão amadas figuras, mulher notável entre todas, *insigni fecunditate, praeclara pudicitia*.⁸ Também aqui o realce é conferido às duas qualidades que mais distinguem o *cursus honorum* que cabe às mulheres: a *pudicitia* e a *fecunditas*, de que ela é *exemplum*.

7. 1.40: Diu cunctatus, asperrantem uxorem, cum se diuo Augusto ortam neque degenerem ad pericula testaretur, postremo, uterum eius et communem filium multo cum fletu complexus, ut abiret perpulit. Incedebat muliebre et miserabile agmen, profuga ducis uxor, paruulum sinu filium gerens, lamentantes circum amicorum coniuges quae simul trahebantur nec minus tristes qui manebant.

8. 1.41: Non florentis Caesaris neque suis in castris, sed uelut in urbe uicta facies, gemitusque ac planctus etiam militum aures oraue aduertere. Progrediuntur contuberniis: quis ille flebilis sonus? quod tam triste? feminas inlustres, non centurionem ad tutelam, non militem, nihil imperatoriae uxoris aut comitatus soliti, pergere ad Treuiros et externae fidei. Pudor inde et miseratio et patris Agrippae, Augusti aui memoria, socer Drusus, ipsa insigni fecunditate, praeclara pudicitia [...].

Este Coro de soldados, que comenta a desgraça que se abate sobre Agripina, que, entre *gemitus ac planctus*, sente *pudor* e *miseratio* vendo-a partir com o amado menino nascido e criado entre eles, no acampamento, assemelha-se àquele que, cinco anos passados, vê Agripina subir para o navio, em Antioquia, *miserantibus cunctis* (2.75). Repare-se que, agora, Agripina não deixa o marido, mas leva consigo o que dele resta; não está grávida, nem mais estará, porque perdeu o companheiro que amava; leva os filhos pela mão e, junto ao peito (*sinu*), segura a urna com as cinzas de Germânico. A imagem trágica de Agripina revela-se no sentimento que Tácito atribui aos que a vêem partir: a consciência, marcada no texto por *modo... tunc*, da *commutatio fortunae* daquela mulher, já que tudo o que outrora era motivo de orgulho e felicidade, a estirpe (*nobilitas*), o casamento feliz (*pulcherrimo matrimonio*), a fecundidade, tornou-se agora causa de *luctus* e aflição, de temor e ansiedade. A aliteração em *infelici fecunditate fortunae* sublinha o facto de cada uma das crianças ser uma potencial vítima de Tibério. Agripina é mãe de seis filhos. Como Níobe, a sua fecundidade distinguiu-a: não é por acaso que Tácito diz que o favor de que gozava em Roma era bem superior ao de Lívía, mulher de Druso, também, ainda que não apenas, porque a suplantara em fecundidade (2.43.6). Como Níobe, orgulhou-se de ser mãe: não é igualmente por acaso que Tácito enumera, entre as acusações que Sejano lhe faz para a abater, o facto de ser *superba fecunditate* (4.12). Como Níobe, multiplicou as feridas (*fortunae totiens obnoxia*) que o castigo dessa espécie de *hybris* lhe poderá trazer. O leitor de Tácito sabe que todos os seus filhos tiveram fim trágico. Só Drusila parece ter morrido de morte natural, ainda assim com uma febre terrível e incontrolável. À excepção de Agripina, todos morreram com menos de trinta anos. Dos seis, Agripina viu morrer, de morte atroz, os dois mais velhos, Nero e Druso (6.23).

Ao favor de outrora (*inter uenerantes gratantesque*) opõe-se a solidão de uma mulher viúva que teme o futuro, que nem sequer tem a certeza de que conseguirá o que mais deseja, que o marido seja vingado (*incerta ultionis*), que nada mais tem além das cinzas – e da memória – do marido. Essa voz anónima – ou Tácito através dela – que lamenta Agripina antecipa de novo a desgraça que se há-de abater sobre a casa de Germânico e os que se lhe conservaram leais, como se verá nos livros 3 a 6.

Pelo princípio da ἐνάργεια, da *euidentia*, do *ponere ante oculos*, Tácito grava na nossa memória a imagem de Agripina, a subir para o barco com os filhos, abatida e triste, mas não vencida, grandiosa ainda na sua desgraça, admirável no gesto – para o qual se reserva um ‘grande plano’ sublime – de levar junto ao peito as *ferales reliquiae* do marido, figura trágica que evoca a vingadora Electra transportando a urna com as cinzas que crê serem de Orestes.

Essa imagem fortíssima suspende-se então, como que para dar espaço à viagem por mar, e, até à conclusão do Livro 2, Tácito desvia o foco narrativo para outros núcleos temáticos. Segundo o padrão analítico, ocupa-se das *res interna*e, centrando-se nos acontecimentos em Roma. Primeiro (caps. 75.2-81), acompanha o que entretanto se passou com Pisão e Plancina, as reacções de ambos e de todos os que os rodeiam à morte de Germânico, uns esfusiantes de alegria, outros mais temerosos, bem como todas as manobras e cálculos de Pisão para fazer passar a imagem da sua inocência e para retomar o governo da Síria, de que Germânico, afrontado na sua autoridade, o afastara pouco antes de morrer. Em seguida, evoca as reacções em Roma a uma sucessão de notícias: primeiro, a da doença de Germânico – à dor e aflição juntavam-se as recriminações contra Tibério, Lívia, Pisão e Plancina, por tudo quanto tinham tramado para a perdição do jovem general; depois, a da morte, notícia que mergulha a cidade na consternação mais

profunda e sincera; por fim, ainda, numa ironia trágica que Tibério saboreia sem nada desmentir, a informação desencontrada que o dava como convalescente – o júbilo então sentido suscita depois uma dor mais pungente quando se confirma a morte. Reiterando um tema que atravessa toda a sua obra, Tácito não deixa de registrar a subserviência e pusilanimidade do senado, cujos membros, talvez por genuína dor, mas decerto sobretudo porque com isso julgam agradar a Tibério, se desdobram em propostas de homenagem a Germânico (cap. 83).

Uma nota ominosa para a descendência de Agripina paira quando se regista, no cap. 84, a reacção de alegria por parte de Tibério ao facto de a nora, mulher de Druso e irmã de Germânico, ter dado à luz dois gémeos do sexo masculino. Com esse júbilo contrasta Tácito o *dolor* sentido pelo povo ante a perspectiva de que esse fosse mais um motivo de prejuízo para a casa de Germânico.

O livro 2 termina com a notícia da morte e o obituário de Armínio, o intrépido general germano, causador da derrota de Varo em 9 d.C.. Tácito quer fechar o livro essencialmente dedicado à glória de Germânico, nas campanhas e viagens que relata, e à *peripéteia* que lhe traz a morte, com o desaparecimento do seu maior adversário e arqui-inimigo de Roma. E dele faz o elogio, nem que para isso tenha agora de chamar *liberator haud dubie Germaniae* (2.88.1-2) a quem antes disse *turbator Germaniae e insignis... perfidia* (cf. 1.55.2), ou que, ao que tudo indica, tenha antecipado para o ano 19 a data da sua morte, que terá acontecido dois anos depois: é sabido que engrandecer o valor dos inimigos resulta em louvor de quem se lhes opõe ou os vence. A notícia necrológica cumpre, porém, outras funções narrativas, ao estabelecer, na aplicação do recomendado por Cícero no *De Oratore* (2.348), um paralelo implícito entre o general romano e o chefe germano: ambos sofreram a inimizade de tios, Germânico a de Tibério, Armínio a de Inguiomer; ambos acabaram por morrer mercê da traição de quem lhes

era mais próximo; ambos pereceram jovens, com trinta e poucos anos, e no apogeu de todas as faculdades. E, ao dizer que Armínio também correu perigo de ser assassinado com veneno, Tácito insinua o que nunca diz abertamente mas repetidamente instila no espírito do leitor: que foi o veneno que tirou a vida a Germânico.

Abra-se um parêntese para referir que o cotejo sugerido por Tácito entre Germânico e Armínio se acentua mercê de outro paralelo, o que é possível estabelecer entre as mulheres de ambos, Agripina e Tuscelda. Tuscelda, cujo nome não sabemos todavia por Tácito, que se lhe refere apenas como *uxor Arminii* (1.57.4; 58.6), mas sim por Estrabão (7.1.4), era filha de Segesto, chefe romano aliado dos Romanos. Prometida pelo pai a outro, Armínio raptou-a para a desposar. Quando Germânico acorreu ao pedido de Segesto e o resgatou de um cerco, Tuscelda estava com o pai, grávida. É nesse momento que Tácito no-la mostra,⁹ altiva perante os Romanos, corajosa, sem derramar uma lágrima nem se baixar a súplicas (*neque euicta in lacrimas neque uoce supplex*), mantendo-se em silêncio, com as mãos cruzadas no regaço (*compressis intra sinum manibus*), olhando fixamente o ventre (*gravidum uterum intuens*). Esta imagem, a de uma mulher que põe o amor pelo marido acima de todos os outros (*mariti magis quam parentis animo*), que, incerta quanto ao seu futuro e ao do filho que espera, ainda assim mantém a dignidade perante o inimigo, não pode senão lembrar ao leitor de Tácito, até pelo *zoom* sobre o *uterus* em que ambas sentem crescer um filho, a figura de Agripina, relutante em deixar o acampamento, grávida e irredutível no seu orgulho. A história conta-nos que Tuscelda e o filho, cativos sem exactamente o serem (cf. 2.46.1), figuraram no triunfo celebrado por

9. 1.57. Inerant feminae nobiles, inter quas uxor Arminii eademque filia Segestis, mariti magis quam parentis animo, neque euicta in lacrimas neque uoce supplex, compressis intra sinum manibus, gravidum uterum intuens.

Germânico em 26 de Maio do ano 17, ainda que, quando regista esse facto, Tácito não os mencione.¹⁰ Mas, quando alude ao destino trágico que anos depois se abateu sobre o filho de Armínio e Tusnelda, o paralelo assume novos contornos dramáticos que é impossível não reter.¹¹

O Livro 3 volta a Agripina e ao momento em que ela aporta em Corcira.

Nihil intermissa nauigatione hiberni maris, Agrippina Corcyram insulam aduehitur, litora Calabriae contra sitam. Illic paucos dies componendo animo insumit, uiolenta luctu et nescia tolerandi. Interim, aduentu eius audito, intimus quisque amicorum et plerique militares, ut quique sub Germanico stipendia fecerant, multique etiam ignoti uicinis e municipiis, pars officium in principem rati, plures illos secuti, ruere ad oppidum Brundisium, quod nauiganti celerrimum fidissimumque adpulsu erat. (3.1.1-2)

Ao dizer que a viagem, de Antioquia até esta ilha, se fez sem interrupção (*Nihil intermissa nauigatione*), Tácito como que retoma a narrativa de que Agripina é protagonista como se nada entretanto a tivesse suspenso e, dessa forma, estabelece um fio que inextricavelmente liga o momento do embarque ao momento em que ela pára em Corcira. Tácito, habitualmente tão parco em notações de cenário ou de ambiente, refere aqui o tempo invernos (*hiberni maris*) que marcou a viagem e a chegada à ilha. A mudança de livro respeita o esquema analítico predominante na hécade tiberiana: o ano é outro, estamos agora em Janeiro de 20. A viagem, ao longo das costas da Ásia Menor e depois da Grécia até à actual Corfu, fez-se durante o fim do Outono e os rigores do Inverno, é certo, mas a notação que Tácito aqui imprime à narrativa,

10. Cf. 2.41. Menciona-a Estrabão (7.1.4), que também regista o nome da criança, Tumélico.

11. 1.58. Tácito refere-se a condições humilhantes (*ludibrio conflictatus*), prometendo descrevê-las no momento oportuno (decerto o fez, mas em livro perdido). Sabemos, porém, que, em 47, já tinha morrido (cf. *Ann.* 11.16).

primeira sensação que o leitor retém, é a de um tempo inóspito, frio, desolado, consentâneo com o motivo da viagem e, sobretudo, com o espírito de Agripina. A esse tom de gelo e tristeza, acresce a dedução de que Agripina não hesitou em afrontar o mar no período em que a navegação mais se temia e evitava: ela tem pressa de chegar. Por tudo isso, melhor se entende a razão da paragem em Corcira: a viúva de Germânico precisou de alguns dias para recompor um pouco o espírito (*componendo animo*), devastado pelo desgosto que ela não conseguia suportar (*uiolenta luctu et nescia tolerandi*). De novo encontramos duas palavras que evocam (Tácito é hábil nesta memória dos vocábulos para estabelecer elos narrativos) e sublinham, pela repetição, dois aspectos que caracterizam Agripina: o *luctus* e a incapacidade de suportar o que lhe é adverso. Ponham-se em paralelo dois sintagmas, o de 2.75, momento da partida de Antioquia, e o de 3.1, quando chega a Corcira: a *defessa luctu* corresponde agora *uiolenta luctu*; a *ultionem ... intolerans, nescia tolerandi*. É como se o desgosto, que a esmagava logo após a morte do marido, com o passar dos meses apenas tivesse recrudescido, mudando-a de *defessa* em *uiolenta*. E, se já não é de *ultio* que agora se fala, o facto de relacionar a sua ínsita *intolerantia* com a dor realça o que Tácito quer que o leitor conclua: a devastação que a perda do marido lhe causou só fez aumentar o desejo de vingança. Tomada por esse turbilhão de sentimentos, Agripina precisa de alguns, ainda que poucos, dias para se recompor e poder levar por diante a viagem até Roma, com a dignidade que era seu timbre.

Interim, aduentu eius audito... O ablativo absoluto sugere uma dupla linha de análise: ao referir a chegada com o substantivo *aduentus*, cumpre-se uma etapa no percurso iniciado com *ascendit classem* (2.75): Agripina aproxima-se do fim da viagem por mar; com o participio *audito*, por outro lado, Tácito dá início a um conjunto de notações que apelam para os sentidos da audição e da vista. Pelos olhos e pelos

ouvidos dos que, na margem, se amontoam para ver chegar Agripina, o leitor observa o quadro patético, nas cores invernosas, nos sons – e no silêncio –, no movimento de todos os que acorreram (*ruere*) a Brundísio, mas também no dos barcos que se aproximam da costa, lentamente, como a sucessão de *ubi primum ex alto uisa classis* e de *cum classis paulatim successit* sugere.¹²

Tácito faz-nos ver os que vieram para a margem, ao mesmo tempo que entramos no âmago de todos e lhes perscrutamos as motivações (3.1.1-2). Identificamos três grupos: todos os amigos mais íntimos (*intimus quisque amicorum*), um número significativo de soldados que haviam servido sob Germânico e, vindos de municípios vizinhos, muitos desconhecidos. A dupla gradação decrescente, do mais próximo para o mais estranho (*amicorum... militares... ignoti*), do todo para a parte (*quisque... plerique... multique*), acentuada pelo polissíndeto (*et... – que*), induz a concluir que foi uma multidão a que se precipitou para Brundísio para receber Agripina e as cinzas de Germânico. Ainda assim, no terceiro grupo, Tácito estabelece uma subdivisão, o que lhe permite introduzir o tópico da *adulatio* a que muitos se entregavam e da passividade que arrastava outros para a mesma atitude servil: é que, entre os que não conheciam Germânico, havia uns tantos (*pars*) que tinham ido receber o féretro por pensarem que, com tal gesto, agradavam a Tibério, esperança que o leitor, induzido por Tácito, sabe que é vã, e uns quantos, mais numerosos (*plures*), que tinham ido por mórbida curiosidade, ou simplesmente porque faziam o que os outros faziam, irônica e de certo modo desdenhosa interpretação da psicologia

12. 3.1.3. Atque, ubi primum ex alto uisa classis, complentur non modo portus et proxima mari, sed moenia ac tecta, quaque longissime prospectari poterat, maerentium turba et rogantium inter se silentione an uoce aliqua egredientem exciperent. Neque satis constabat quid pro tempore foret, cum classis paulatim successit, non alacri, ut adsolet, remigio, sed cunctis ad tristitiam compositis.

das massas que agem por mimetismo e sem critério. De qualquer forma, não parece casual que Tácito refira aqui os *ignoti* que vêm a Brundísio para chorar Germânico. O leitor tem na memória as palavras quase proféticas que ele dirigira aos amigos, no leito de morte, e que agora se cumprem: *Flebunt Germanicum etiam ignoti* (2.71.3), até desconhecidos hão-de chorar Germânico.

Para o desenho do quadro vivo aqui observado, e para o reforço da imagem de uma multidão (*turba*), no § 3 Tácito enumera todos os locais, dos mais próximos aos mais afastados, dos mais usuais aos mais insólitos, que foram ocupados por quantos tinham vindo assistir ao desembarque de Agripina: o porto e a margem, as muralhas e os telhados das casas, em todo o lado há gente que quer ver, *prospectari*. Pessoas que estão unidas na consternação e na dúvida que sentem e discutem entre si, à medida que os navios se aproximam do porto, sobre qual o modo de melhor manifestar a Agripina que partilham com ela a dor pela perda de Germânico. Refira-se aqui a interpretação que alguns fizeram deste dilema que os preocupa, *rogitantium inter se silentione an uoce aliqua egredientem exciperent*, querendo ler no passo a sugestão de que a manifestação de pesar não foi espontânea, mas arranjada pelos amigos de Germânico e opositores de Tibério. Quanto a nós, por muito que conheçamos as manobras e iscos da propaganda para a mobilização de massas que simulam espontaneidade de apoios, não conseguimos ver no passo mais que uma nova notação taciteana sobre a dificuldade do povo em ter reacção própria, pessoal, sempre à espera de um estímulo, um exemplo a copiar: por isso, o que lhes dá o mote para se entregarem *ad tristitiam* é precisamente o verem, quando os navios chegam suficientemente perto, que todos os remadores, sem excepção (*cunctis*), vêm mergulhados nesse sentimento. A própria sintaxe da frase parece afastar a hipótese de manifestação encomendada: a interrogativa disjuntiva depende do participio *rogitantium*, não de *maerentium*,

o desgosto é genuíno e compartilhado por todos. Aplica-se aqui, em meu entender, a análise de Montesquieu, em *Grandeur et décadence des Romains* (cap. XIV), justamente sobre Tibério, quando diz acerca do povo romano e decerto tendo em mente os *Annales* de Tácito: “Il s’ était si fort accoutumé à obéir et à faire toute sa félicité de la différence de ses maîtres qu’après la mort de Germanicus il donna des marques de deuil, de regret et de désespoir que l’on ne trouve plus parmi nous. Il faut voir les historiens décrire la désolation publique, si grande, si longue, si peu modérée; et cela n’était point joué: car le corps entier du Peuple n’affecte, ne flatte, ni ne dissimule.” De resto, pela afirmação desse desgosto profundo, com *maerentium*, Tácito retoma o elo entre os que assistiram à partida das cinzas em Antioquia (2.75: *miserantibus cunctis*) e os que, em Brundísio, esperam Agripina: na Ásia e na Itália, todos choram Germânico e se compadecem da viúva e dos órfãos.

Todo o passo se organiza, como vimos, em função de um movimento marcado pela aproximação dos navios: primeiro, apenas a notícia de que estavam prestes a chegar (*aduentu... audito*), depois a visão dos barcos ainda ao longe (*ubi primum ex alto uisa classis*), em seguida a lenta navegação que os traz até ao porto (*cum classis paulatim successit*, numa aliteração que acentua o ritmo pesado e lúgubre), tão perto que é possível ver os remadores. Por fim, Agripina desembarca, *egressa nauis*: a viagem por mar terminou, fecha-se um círculo que começou em 2.75, quando ela *ascendit classem*. Mas a imagem que vemos,¹³ em grande plano, mostra-nos a viúva de Germânico como se durante todo aquele tempo ela se tivesse mantido na mesma atitude de dor: entrou no barco, em Antioquia, com os filhos pela mão (*cum... liberis*), com

13.3.1.4: Postquam duobus cum liberis, feralem urnam tenens, egressa nauis, defixit oculos, idem omnium gemitus; neque discerneres proximos alienos, uirorum feminarumue planctus, nisi quod comitatum Agrippinae, longo maerore fessum, obuii et recentes in dolore anteibant.

os dois filhos desce em Brundísio (*duobus cum liberis*); partiu com as cinzas do marido guardadas na urna que aperta contra o peito (*cum cineribus Germanici... ferales reliquiae sinu ferret*), chega segurando a urna (*feralem urnam tenens*), como que petrificada no luto. Tácito, que somente atenta em pormenores de cenário ou em objectos concretos quando expressamente eles são significativos para a leitura dos factos ou a interpretação dos comportamentos, fixa esta urna num *zoom* que nos sugere a imensa solidão daquela mulher, no único vínculo material que lhe resta a ligá-la a Germânico.

Agripina desce do navio, com os olhos fixos e baixos (e de novo vem à memória a imagem digna de Tusnelda com os olhos postos no ventre grávido). Sem que Tácito o diga, o leitor adivinha que Agripina guarda silêncio, na compostura para que se preparou em Corcira. Maior parece ser, por isso, o contraste com o clamor de todos, um longo gemido em unísono que ressoa, seguido de choro, numa gradação ascendente da manifestação da dor que vai do *gemitus* ao *planctus*, num eco, também textual, do *gemitus ac planctus* quase profético com que os soldados assistiram à partida forçada de Agripina, obrigada a deixar o acampamento (1.41). Tácito, que apontava o exemplo dos Germanos porque, em face da morte, às mulheres cabia o luto, aos homens a memória (*G. 27: feminis lugere honestum est, uiris meminisse*), mostra, no relato da chegada a Brundísio, por pares de substantivos antónimos, que todos sem distinção, próximos ou estranhos, homens ou mulheres, lamentavam profundamente a sorte de Germânico e Agripina.¹⁴ E, para que o leitor partilhe essa dor intensa e comprove que é unânime, Tácito acumula, em homeoptoto e em homeoteleuto, vocábulos do campo

14. Santoro L’Hoir (2006: 67) analisa este passo numa perspectiva metateatral, “since the crowd, with eyes focused on Agrippina, the tragic protagonist, represents not only a chorus but also an internal audience to the tragedy which Tacitus, the dramaturge, is unfolding in the theater of his readers’ minds”.

lexical do desgosto (*gemitus... planctus... maerore... dolore*), ao mesmo tempo que usa a ambígua forma do sujeito indeterminado expresso pelo verbo na 2ª pessoa do singular, mas que é também a do vocativo que interpela aquele para quem escreve (*neque discerneres*), a chamada ‘2ª pessoa inclusiva’ que chama o leitor a participar na narrativa. Em 3.1.4, outro vocábulo suscita a memória de 2.75: *fessum*. Em Antioquia, foi Agripina que vimos *defessa luctu*. Agora, são os que com ela viajaram que, acabrunhados *longo maerore*, não têm já alento (*comitatum... fessum*) para manifestar a dor de um modo tão público e explícito como os que só pouco antes tinham sabido da triste notícia.

No capítulo seguinte,¹⁵ Tácito descreve, depois da manifestação do luto espontâneo, as determinações oficiais e a *pompa*, por assim dizer o funeral de Estado de Germânico. Se o ambiente é de dor, como o vocabulário sublinha (*lacrimis et conclamationibus dolorem testabantur*), se as manifestações exteriores de luto se multiplicam (as insígnias sem ornamento, os *fascies* invertidos, as vestes sombrias ou oficiais, a incineração de perfumes e oferendas), tudo parece demasiado ordenado, hierático, num cerimonial que, esse sim, foi determinado por Tibério. À figura de Agripina e dos filhos substitui-se agora o cortejo dos magistrados, dos tribunos, dos soldados, da plebe e dos cavaleiros; e é aos ombros de centuriões que as cinzas são levadas ao longo da via Ápia, já não na urna que Agripina estreitava contra o coração.

15.3.2.1-2. Miserat duas praetorias cohortes Caesar, addito ut magistratus Calabriae Apulique et Campani suprema erga memoriam filii sui munia fungerentur. Igitur tribunorum centurionumque umeris cineres portabantur; praecedebant incompta signa, uersi fascies; atque, ubi colonias transgrederentur, atrata plebes, trabeati equites pro opibus loci uestem, odores aliaque funerum sollemnia cremabant. Etiam quorum diuersa oppida, tamen obuui et uictimas atque aras dis Manibus statuentes, lacrimis et conclamationibus dolorem testabantur.

Ao encontro do féretro vêm, depois, os familiares de Germânico:¹⁶ de Tarracina, cerca de 100 km a sul de Roma, na Via Ápia, chegou o primo e irmão adoptivo, Druso, que com ele sempre mantivera uma relação próxima; da *Vrbs*, vieram Cláudio, o futuro imperador, seu irmão de sangue, e os filhos de Germânico que não viajavam com a mãe. Depois os cônsules, *M. Valerius et M. Aurelius*. E nesta menção excepcional, única em Tácito, da entrada em funções dos magistrados supremos já longe do momento que lhe é reservado pela norma analística, que é, obviamente, aquele em que se marca o início de um novo ano, encontramos o talvez mais notável exemplo de como o historiógrafo pode flexibilizar a rigidez dessa norma, neste caso porque a fórmula habitual, como a que dá início, por exemplo, ao Livro 2, *Sisenna Statilio Tauro, L. Libone consulibus*, referente ao ano 16, simplesmente lhe interromperia o fluir da sequência narrativa da viagem de Agripina e, sobretudo, cortaria prosaicamente toda a beleza do início do Livro 3: *Nihil intermissa nauigatione hiberni maris, Agrippina...* Não é, também, ao nome dos cônsules que ele quer dar relevo a abrir este livro, é à figura dessa mulher mergulhada no seu desgosto imenso.

Aos cônsules, na *pompa* fúnebre, seguem-se os senadores e, depois, uma grande parte do povo, decerto aqueles que não quiseram aguardar, em Roma, a chegada das cinzas. Seguem *disiecti*, sem nenhuma ordem fixa, enchem a Via Ápia, porque são multidão, e todos eles choram (*flentes*), choram quanto e como têm na vontade (*ut cuique libitum flentes*). A imagem de uma multidão que converge para um mesmo lugar e o enche por completo (sugere-o o preverbo em *compleuere*),

16.3.2.3. Drusus Tarracinam progressus est cum Claudio, fratre, liberisque Germanici, qui in Vrbe fuerant. Consules M. Valerius et M. Aurelius (iam enim magistratum occeperant) et senatus ac magna pars populi uiam compleuere, disiecti et ut cuique libitum flentes: aberat quippe adulatio, gnaris omnibus laetam Tiberio Germanici mortem male dissimulari.

mas avança sem nenhuma ordem estudada ou imposta (o preverbo de *disiecti* também tem peso semântico, sobretudo quando antónimo e em justaposição a *compleuere*), unida no pranto, mas um pranto genuíno, sem medo nem *adulatio*, motiva a nota sobre o contraste entre o desgosto de todos, manifesto abertamente, e a alegria mal dissimulada de Tibério pela morte de Germânico. O horror desse sentimento, que ninguém ignorava (*gnaris omnibus*), ressalta do oxímoro *laetam... mortem*.¹⁷ E esse é o mote para que, no capítulo seguinte, Tácito registre o facto de Tibério e Lívia se terem absterido de aparecer em público e discorra sobre as causas que, como é prática frequente e hábil da sua técnica narrativa, são apresentadas numa alternativa em que o leitor é levado a fixar-se na segunda hipótese: neste caso, ambas as possíveis explicações revertem numa avaliação negativa do imperador e da mãe, pois ou consideraram que as manifestações públicas de dor lhes rebaixariam a majestade, ou recearam que tantos olhares postos sobre eles conseguiriam descortinar a hipocrisia de um desgosto que não sentiam. Mas o jogo das alternativas, que Tácito sabe usar de forma exímia, é ainda mais significativo no que a seguir regista, com um tom de imparcialidade que não engana o leitor dos *Annales*: o historiador assume a primeira pessoa do singular (*non... reperio*) para dar testemunho de que, nos documentos oficiais e nos literários, não encontrou nenhuma referência à presença de Antónia, mãe de Germânico, em qualquer das cerimónias em honra do filho, em contraste com a nomeação expressa de todos os outros parentes próximos. Enuncia então as possíveis explicações: talvez estivesse doente; talvez não tivesse sentido forças para suportar publicamente tão grande desgosto. Mas por fim, expressando abertamente uma opinião pessoal, como poucas vezes faz, Tácito dá conta do que julga mais

17. Em 4.1. Tácito afirma que Tibério contava a morte de Germânico *inter prospera* do seu principado.

provável (3.3.3: *Facilius crediderim*): que Tibério e Lívía a retiveram, à força, em casa, para simular que o comportamento da mãe era igual ao deles e dar a imagem de que todos estavam atingidos por idêntica dor.

A ausência – conspícua ausência – de Tibério e Lívía contrastou com as manifestações públicas e incontroláveis de dor no dia em que se depositaram as cinzas no mausoléu de Augusto, em Roma. O quadro patético, que o capítulo 4 nos apresenta e prolonga, como eco que repete as manifestações de luto desde que as cinzas de Germânico saíram de Antioquia, faz de novo vívido apelo aos sentidos da vista e do ouvido: vemos a cidade com as ruas cheias de gente, ouvimos um profundo silêncio alternando com gemidos de intensa aflição, contemplamos as tochas fúnebres brilhando ao longo do Campo de Marte, os soldados armados, os magistrados sem insígnias, o povo, integrado cada um na sua tribo. E, numa das raras vezes em que, em Roma, se negou a subserviência e o medo, todos se lastimam, todos gritam, desolados, que a *res publica* ruína, que a esperança morrera. Não é fortuito que seja *spes* a palavra escolhida para designar o que o povo sente ter perdido: *spes* é o que Germânico representava para os Romanos, “l’homme qui faisait rêver une partie des Romains” (Aubrion 1985: 428).

Nesse clamor desamparado, porém, nada atingiu mais profundamente Tibério (que, do seu retiro hipócrita, estava ao corrente de tudo) do que os louvores, mesclados de preocupação, que tecem a Agripina. Dizem-na *decus patriae, solum Augusti sanguinem, unicum antiquitatis specimen*. Erguem as mãos ao céu pedindo aos deuses que a protejam, a ela e à sua descendência, dos que lhe querem mal. O leitor lê, tal como Tibério, quem se esconde debaixo do adjectivo *iniqui*; lê que não é a Tibério que é pedida protecção para Agripina e os filhos, mas sim aos deuses, não porque eles sejam realmente mais poderosos, mas porque todos sabem que a viúva e os filhos de Germânico se transformaram no alvo a destruir, motivo de inveja e de ódio de quem não é, nem nunca

foi, um bom *princeps*. Por repetição temática, antecipa-se assim, uma vez mais, o destino trágico que se abaterá sobre Agripina e os órfãos. Depois, entre a multidão, há quem se entregue a um paralelo formal, desfavorável para Tibério, claro, mas em certos aspectos, há que dizê-lo, injusto, entre os cuidados de Augusto aquando dos funerais de Druso, pai de Germânico, e os de Tibério para com Germânico. Tudo acham pouco para tão grande herói.

Cabe aqui dizer que, nos seus traços gerais, o relato das honras que foram prestadas a Germânico coincide com o que sabemos através da *Tabula Hebana*, descoberta em meados do século passado na Toscana, e da *Tabula Siarensis*, placa de bronze encontrada em 1984 perto de Utrera, na Andaluzia: a primeira contém o texto de uma *rogatio* votada, no ano 20, pela assembleia popular em Roma, enquanto na segunda se gravou um decreto do senado do próprio ano da morte de Germânico, 19. Em ambos os textos epigráficos se dão a conhecer as homenagens fúnebres votadas em sua honra, decisões que em seguida, como era de norma, se divulgaram por todo o império. Esse respeito pela verdade histórica, por parte de Tácito, não retira todavia força a um paralelo implícito com o que tinha sido, quase trinta anos antes, em 9 a.C., o funeral de Druso, pai de Germânico, também ele um herói querido em Roma, cujo cerimonial conhecemos por Díon Cássio (55.2) e a *Consolatio ad Liuiam* (vv. 162ss.). Tácito sugere recorrentemente essa linha de continuidade entre pai e filho, no favor em que o povo os tinha, na esperança de que, se Druso tinha morrido sem poder cumprir o que dele esperavam, o regresso a um regime republicano, viria Germânico encarnar o ideal do *princeps* justo, generoso, afável, clemente e amado pelo povo. Essa era talvez a razão maior da desconfiança, e depois do ódio, de Tibério. É isso que Tácito desvenda ao leitor, em sucessivas insinuações ou afirmações explícitas, de que é talvez exemplo mais significativo o que escreve em

1.33.¹⁸ Aqui se apresenta o herói dos dois primeiros Livros dos *Annales*: casado com a neta de Augusto, neto ele próprio de Lúvia, filho de Druso de amada memória e com numerosa descendência, informações de um retrato laudatório que, como manda a retórica epidíctica, realça as relações familiares, neste caso com a família imperial, e lhe legitima uma possível herança dinástica, linha cuja continuidade está antecipadamente assegurada, um dia que desapareça, mercê dos três filhos varões já nascidos. A *correctio* adversativa, *sed*, introduz porém a informação sobre o temor sentido por Germânico relativamente aos sentimentos que Tibério e Lúvia tinham por ele, tanto mais perigosos porque ocultos, tanto mais violentos quanto injustos. Germânico pressente esses *occulta odia*, e o adjectivo é entre todos expressivo porque é esse o modo de ser que é timbre de Tibério, mestre da *dissimulatio*, e porque não há – ainda – razões concretas que confirmem esse ódio. Em seguida, porém, vêm as razões desse sentimento nefasto, o que faz com que, para o leitor, o que é pressentimento, na perspectiva de Germânico, se transforme em facto real pela análise de Tácito: ele goza, junto do povo, de *fauor et spes*, o favor que herdou pela memória querida do pai, a esperança de que reviva nele a *libertas* que Tibério destrói. Às razões estritamente de foro pessoal, as qualidades de carácter e a juventude (*iuueni, ciuile ingenium, mira comitas*), apreciação absoluta e positiva, Tácito justapõe a avaliação relativa que o distingue, pela negativa, de Tibério. Além de já não ser jovem, o imperador não tem, nem nas palavras nem na expressão, a afabilidade, o bom espírito de Germânico: tudo é, no *princeps*, arrogante

18.1.33. Neptem eius Agrippinam in matrimonio pluresque ex ea liberos habebat, ipse Druso fratre Tiberii genitus, Augustae nepos, sed anxius occultis in se patrii auiaequae odiis, quorum causae acriores, quia iniquae. Quippe Drusi magna apud populum Romanum memoria, credebaturque, si rerum potitus foret, libertatem redditurus; unde in Germanicum fauor et spes eadem. Nam iuueni ciuile ingenium, mira comitas et diuersa a Tiberii sermone, uultu, adrogantibus et obscuris.

e inescrutável. Lançam-se aqui as coordenadas de uma perspectiva narrativa de alcance a um tempo retórico e filosófico: por um lado, desenha-se a figura arquetípica do general, jovem e promissor, virtuoso e justo, que acabará por sucumbir mercê da inveja e do ciúme do tirano no poder; por outro, a figura de Germânico assume os traços do príncipe ideal, aquele em quem a doutrina estoica entendia poder e dever repousar a responsabilidade de um poder não partilhado.

Na evocação retrospectiva do funeral de Druso, a subjacente e a explícita, no relato das cerimónias fúnebres de Germânico, confirma-se também a identificação, mais que uma vez antecipada, do destino funesto que ambos, pai e filho, partilharam. Lembra-se o leitor do que Tácito descortinou no espírito dos que observavam Germânico, no triunfo celebrado em Roma em Maio de 17, quando ele desfilava em todo o esplendor da sua beleza e da múltipla descendência que com ele seguia no carro do vencedor: o sentimento comum de uma *occulta formido*, ominosa, ao recordar outros jovens da família imperial em quem tinham depositado as maiores esperanças, mas que, *breues et infaustos populi Romani amores*,¹⁹ tinham sido arrebatados pela morte no esplendor da juventude.

Nesta narrativa, um último aspecto parece sobremaneira de realçar na escrita de Tácito: o modo como nos prende, como nos faz ver, ouvir, sentir o que as personagens sentem; o traço definido com que as desenha, complexas, na sua imperfeição ou na sua quase perfeição, como é o caso de Agripina e Germânico, ou encena a tragédia de seres humanos que se batem, inermes, contra forças que as esmagam sem piedade e quase sempre sem sentido; a arte sublime com que cria quadros de uma nitidez

19. 2.41.3. Evocam-se, concretamente, Marcelo, sobrinho de Augusto, e Druso, pai de Germânico. Este não é o único passo em que Tácito, pelo processo narrativo da antecipação, prepara o leitor para o destino de Germânico: v. e.g. a predição do oráculo de Apolo em Cólofon (2.54.4) ou a afirmação de que Germânico sentia medo (2.70.1).

tão perfeita que jamais se apagam da nossa memória. Não admira, pois, que, mercê da forte impressão pictográfica que caracteriza a prosa de Tácito,²⁰ sejam numerosos os pintores em cujas obras se descortina uma leitura atenta dos *Annales*, não apenas dos temas e episódios, mas também dos pormenores a que é dado relevo. Tomando como fonte de inspiração este ‘romance’ de Germânico, em que não falta um episódio amoroso, o da dedicação de Agripina (Grimal 1990: 333), bastará contemplar quadros que, seguindo Tácito, retratam episódios como o momento em que Agripina abandona, com os filhos, o acampamento romano,²¹ Tუსnelda e o filho no triunfo de Germânico,²² a morte de Germânico,²³ a chegada de Agripina a Brundísio²⁴ e, depois, a Roma,²⁵ com as cinzas do marido, Agripina, com a urna cinerária, sozinha,²⁶ ou chorando com os filhos,²⁷ para bem entendermos um outro modo da sua sempre renovada vida.

20. É conhecido o juízo de Racine, expresso no prefácio de *Britannicus*, que chama a Tácito “le plus grand peintre de l’Antiquité”. Sobre a *fortuna* de Germânico (e dos que directamente o rodearam), na literatura, na música e na pintura, v. o “Epilogue” de Yann Rivière (2016: 447-473; 529-534).

21. Benjamin West (c. 1785-1800).

22. Karl Theodor von Piloty (1873).

23. Nicolas Poussin (1627); Heinrich Friedrich Fröger (1789); Gabriel-François Doyen ((1789-1800).

24. Gavin Hamilton (c.1765); Benjamin West (1768); Alexander Runciman (1781); Pranciškus Smuglevičius (1807); William Turner (1839).

25. Agostino Tassi (1636-37).

26. Alexander Runciman (1773); Sir Lawrence Alma-Tadema (1866).

27. Benjamin West (1773).

Referências

- Aubrion, Etienne (1985). *Rhétorique et histoire chez Tacite*. Metz: Université.
- Aubrion, Etienne (1991). *L'eloquentia* de Tacite et sa *fides* d'historien. In: *ANRW II*. 33.4: 2597-2688.
- Develin, R. (1983). Tacitus and techniques of insidious suggestion. *Antichthon* 17: 64-95.
- Devillers, Olivier (1994). *L'art de la persuasion dans les Annales de Tacite*. Bruxelles: Latomus.
- Furtado, Rodrigo (2002). Germânico e Trajano: Ideologia e crítica nos *Anais* de Tácito. In: Aires A. Nascimento (ed.), *De Augusto a Adriano*. Lisboa: CEC, 297-324.
- Galtier, Fabrice (2011). *L'image tragique de l'Histoire chez Tacite*. Bruxelles: Latomus.
- Ginsburg, Judith (1981). *Tradition and theme in the Annals of Tacitus*. New York: Arno Press.
- Grimal, Pierre (1990). *Tacite*. Paris, Fayard.
- Kaplan, M. (1979). Agrippina semper atrox: A study in Tacitus' characterization of women. In: Carl Deroux (ed.), *Studies in Latin Literature and Roman History* 1 Bruxelles, Latomus: 410-417.
- Martin, R. H. (1990). Structure and interpretation in the 'Annals' of Tacitus. In: *ANRW II*. 33.2: 1501-1581.
- Martin, Ronald (2001^a). *Tacitus*. London: Bristol Classical Press.
- McHugh, Mary R. (2012). Ferox Femina. Agrippina Maior in Tacitus's *Annales*. *Helios* 39: 73-96.
- Nobre, Ricardo (2010). *Intrigas palacianas nos Annales de Tácito*. Coimbra: CECH-CEC.
- O'Gorman, Ellen (2000). *Irony and misreading in the Annals of Tacitus*. Cambridge: University Press, 74-75.
- Rambaux, Claude (1972). Germanicus ou la conception taciteenne de l'histoire. *Antiquité Classique* 41: 174-199.
- Rivière, Yann (2016). *Germanicus*. Paris: Perrin.
- Ross Jr., D. O. (1973). The Tacitean Germanicus. *Yale Classical Studies* 23: 209-227.
- Rutland, Linda W. (1987). The Tacitean Germanicus. Suggestions for a re-evaluation. *Rheinisches Museum* 130: 153-164.
- Ryberg, Inez Scott (1942). Tacitus' art of innuendo. *Transactions of the American Philological Association* 73: 383-404.
- Santoro L'Hoir, Francesca (2006). *Tragedy, rhetoric, and the historiography of Tacitus' Annales*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Shatzman, Israel (1974). Tacitean rumours. *Latomus* 33: 549-578.
- Shotter, David Allan Arthur (1968). Tacitus, Tiberius and Germanicus. *Historia* 17: 194-214.
- Syme, Ronald (1958). *Tacitus*. 2 vol. Oxford: Clarendon Press.
- Walker, Bessie (1960²). *The Annals of Tacitus*. Manchester: University Press.
- Woodman, Anthony J., Ronald H. Martin (1996). *The Annals of Tacitus*. Book 3. Cambridge: University Press.

